

Sinais animadores

Sinais animadores começam a aparecer em várias frentes, depois de semanas de turbulência e de insegurança nos mercados financeiros. A redução dos juros, decidida pelo Banco Central, é um recado tranquilizador que o governo manda ao mercado. A baixa é pequena, como tinha de ser, e as taxas continuam muito altas, mas a decisão tem um sentido claro e o público soube dar-lhe o peso adequado. Primeiro,

A baixa dos juros é um aceno otimista, compatível com bons indícios internos e externos

esse movimento confirma a disposição do governo de não aceitar como inevitável, em 1998, nem uma recessão nem o efeito fiscal de juros devastadores. Segundo, indica uma avaliação positiva, pelas autoridades monetárias, da evolução do quadro externo e do ajuste acelerado a partir da crise. O presidente e sua equipe mantêm a prudência, porque os abalos internacionais, principalmente nos mercados da Ásia, podem continuar por algum tempo. Mas também na área internacional surgem alguns indícios tranquilizadores.

Internamente, a aprovação da reforma administrativa, pelo Congresso, é um avanço relevante no programa de ajuste do setor público. Falta votar um destaque importante, referente à estabilidade dos servidores, mas o resultado obtido com a votação do corpo do projeto foi significativo. O pacote de ajuste proposto pelo Executivo, como resposta à crise internacional, também é um progresso na arrumação fiscal. Não se trata apenas de medidas de emergência, destinadas a ser suspensas quando mudar a situação. A maior parte das medidas pode beneficiar de forma duradoura as finanças públicas. Algumas delas, como a suspensão de velhos privilégios tributários, tendem não só a fortalecer a receita, mas também a tornar o sistema bem mais equitativo.

Também isto é um progresso considerável. O governo poderia ter promovido mais cedo várias dessas mudanças, mas a crise, sem dúvida, tornou mais fácil parte da tarefa. Detentores de privilégios têm menos força para reagir, numa situação como essa,

e o Congresso, apesar de alguma resistência, deve garantir apoio à maior parte do pacote. A crise nem desviou o governo dos programas fundamentais, nem afastou

os investidores interessados em projetos de longo prazo. Pode haver pressões contra certas medidas, como a redução dos incentivos regionais, mas isso parece ter um impacto marginal. A privatização continua a atrair tanto o capital nacional quanto o estrangeiro. Embora grupos nacionais tenham sido os ganhadores nos últimos leilões de empresas do setor elétrico, concorrentes de fora estiveram presentes. Na disputa da Enersul, o segundo melhor lance foi o de uma companhia americana, com ágio de 63,35% sobre o preço mínimo.

Externamente, o cenário tem clareado nos últimos dias. Ainda há insegurança em vários mercados da Ásia, mas programas de ajuste, com a participação de agências multilaterais e apoio dos Estados Unidos, estão sendo aplicados. A Bolsa de Tóquio tem apresentado oscilações consideráveis, mas a turbulência poderá ser superada, sem muita dificuldade, se o governo confirmar a intenção de apoiar alguns bancos em dificuldades. Bolsas da Europa e dos Estados Unidos, além disso, já mostraram, nesta semana, que podem manter-se firmes diante de abalos nos maiores mercados orientais. Também essa demonstração favoreceu o mercado brasileiro. Os problemas não estão vencidos, mas há motivos bem tangíveis para manter a confiança.